

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS HUMANAS

Bruno Sérgio Vianna Goliath

**A MÁ-FÉ E SUAS CONDUTAS: ANÁLISE DESCRITIVA DAS CONDUTAS DE MÁ-FÉ NA OBRA "O
SER E O NADA" DE JEAN-PAUL SARTRE**

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Humanas, pelo Curso de Bacharelado em Ciências
Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora
– UFJF. Orientadora: Prof^a Dr^a Nathalie Barbosa de
La Cadena

Juiz de Fora - MG
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Bruno Sérgio Vianna Goliath**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201072020A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A MÁ-FÉ E SUAS CONDUTAS: ANÁLISE DESCRITIVA DAS CONDUTAS DE MÁ-FÉ NA OBRA "O SER E O NADA" DE JEAN-PAUL SARTRE**, desenvolvido durante o período de 30 de Julho de 2018 a 3 de Dezembro de 2018 sob a orientação de Nathalie Barbosa de La Cadena, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Bruno Sérgio Vianna Goliath

A MÁ-FÉ E SUAS CONDUTAS: ANÁLISE DESCRITIVA DAS CONDUTAS DE MÁ-FÉ NA OBRA "O SER E O NADA" DE JEAN-PAUL SARTRE

Bruno Sérgio Vianna Goliath¹¹

Resumo: No presente artigo a proposta é analisar de modo descritivo o fenômeno da má-fé na ontologia fenomenológica existencial e suas principais exemplificações de conduta na obra *O Ser e o Nada* de Jean-Paul Sartre. Expondo as estruturas ontológicas anteriores e constituintes da má-fé e, posteriormente, observando como esses mecanismos se comportam nos diferentes contextos da má-fé, o objetivo dessa análise é, a partir dos exemplos do fenômeno da má-fé, aprofundar e esclarecer como este é possível, como se dá no cotidiano e também se é condição ontológica da liberdade do para-si e suas subsequentes estruturas.

Palavras-chave: Má-fé, ontologia fenomenológica, liberdade.

Abstract: In this paper is proposed a descriptive analysis of the phenomenon of bad-faith in existential phenomenological ontology and its main exemplars of conduct in *Being and Nothingness* of Jean-Paul Sartre. By exposing the previous ontological structures and constituents of bad-faith and later observing how these mechanisms behave in its different contexts, the objective of the analysis is to develop a better understanding of the examples of the phenomenon of bad-faith to deepen and clarify how it is possible, how it occurs in everyday life and if it is an ontological condition of self-freedom and its subsequent structures.

Keywords: Bad-faith, phenomenological ontology, freedom.

"Se, com efeito, a existência precede a essência, nunca se poderá recorrer a uma natureza humana dada e definida para explicar alguma coisa; dizendo de outro modo não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade." (SARTRE, 2014, p. 24)

1. INTRODUÇÃO

É a partir da realização de sua existência enquanto liberdade que se inicia toda a reflexão sartriana acerca do ser humano, se o homem não se pode determinar de modo algum *a priori* de si mesmo tal qual um corta-papel, cai sobre ele não só a incumbência de se determinar como de se responsabilizar por tudo que se é, que se projetou como sendo, e enquanto foi e fez. A má-fé é a tentativa de se desresponsabilizar por seus atos ou simplesmente alegar desconhecimento sobre a natureza e as consequências de tais atos, a má-fé é comum a todos os homens, e por ser possível agir de má-fé é que o homem é livre, afinal se o homem é radicalmente livre também há de ser livre para negar sua liberdade, e é exatamente esse o objeto deste estudo, a negação dessa liberdade, como ela se dá, com que propósito e como ela se apresenta diante de nós. Tendo em vista essas premissas, me proponho a apresentar as estruturas do ser, demonstrar seu papel no desempenhar da conduta da má-fé, posteriormente analisar tais condutas e examinar quais são as estruturas mais recorrentes e essenciais nesse fenômeno.

¹¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: brunogoliath@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof^oDr^aNathalie Barbosa de La Cadena.

2. O CONCEITO DE MÁ-FÉ E AS ESTRUTURAS ONTOLÓGICAS DA FENOMENOLOGIA ONTOLÓGICA DE SARTRE

2.1. Ser-em-si, Ser-para-si e Ser-para-o-outro

Para Sartre o não-ser é ontologicamente dependente do ser, pois o não-ser é a negação do ser, mas diferentemente da ontologia Hegeliana o não-ser simplesmente revela o ser, porém o ser não é ontologicamente dependente do não-ser (COX, 2007). Ele argumenta que como sendo o não-ser a negação do ser é necessário que haja um ser para que o não-ser se constitua enquanto negação desse ser, então logicamente o não-ser é posterior ao ser, reitera Sartre “Assim, mesmo quando o ser não fosse suporte de alguma qualidade diferenciada, o nada ser-lhe-ia logicamente posterior, já que pressupõe o ser para negá-lo, e porque a qualidade irreduzível do não vem acrescentar-se a essa massa indiferenciada de ser para liberá-la.” (SARTRE, 2015, p.57).

Então, se ontologicamente existirem apenas o ser e o não-ser, e se o não-ser é logicamente subsequente ao ser, diferentemente da afirmação hegeliana de que o não-ser e o ser são iguais e contemporâneos, o ser não podendo depender de algo que é posterior a si, deve-se afirmar em si mesmo, nas palavras do autor: “O ser é. O ser é em si. O ser é o que é.” (SARTRE, 2015 p.40). Deste ser-em-si que Sartre caracteriza pouco pode-se dizer além de que ele é e este é enquanto positividade total sem conhecer nenhuma outra identidade e sem se posicionar, sobre a contingência desse ser-em-si Sartre acrescenta:

Um existente fenomênico, enquanto existente, jamais pode ser derivado de outro existente. É o que chamamos a contingência do ser-Em-si. Mas o ser-Em-si tampouco pode derivar de um possível. O possível é uma estrutura do Para-si, ou seja, pertence a outra região do ser. O ser-Em-si jamais é possível ou impossível: simplesmente é. Será isso expresso pela consciência - em termos antropomórficos - dizendo-se que o ser-Em-si é supérfluo (de trop), ou seja, que não se pode derivá-lo de nada, nem de outro ser, nem de um possível, nem de uma lei necessária. Incruido, sem razão de ser, sem relação alguma com outro ser, o ser-Em-si é supérfluo para toda a eternidade. (2015, p.40).

Exaurindo as explicações sobre o ser, nos debruçamos sobre a consciência que é efetivamente aonde a conduta de má-fé se dá. Para Sartre, a consciência é um não-ser frente ao ser, porém se entendermos como ele coloca a questão do não-ser, este tendo que atingir seu ser por si mesmo diferentemente do ser-em-si que simplesmente é sem ter que chegar a seu ser, veremos que o não-ser deve negar perpetuamente o ser-em-si, para chegar a seu ser. O autor Gary Cox oferece um esclarecimento a esse status de negação para evitar possíveis confusões “*Repetindo o para-si é a negação do ser. É o ser primeiramente apresentado e logo em seguida negado. Não é o não-ser do ser-em-si, é o não-ser do ser*” (2007, p.23). E este para-si há de lutar de maneira perpétua (porém sem alcançar seu objetivo) para se tornar o ser do não-ser do ser-em-si, esta síntese entre o ser-em-si e o ser-para-si que o para-si almeja Sartre chamou de ser-para-si-em-si, é a vontade que o para-si tem de coincidir consigo mesmo, é vontade de ser Deus. Para Sartre, Deus seria aquele que simplesmente é, e é simultaneamente a causa de sua existência, dessa mesma configuração consiste o objetivo por de trás de todos os projetos do para-si.

O Ser-para-outros pode ser definido como um para-si percebido e intencionalizado por outro para-si, é o princípio da relação social em Sartre e se dá num encontro com esse outro, que me descentraliza. Se antes em solidão era eu o único capaz de emitir julgamentos e valorações ao redor, este outro que se apresenta diante de mim é também emissor de julgamentos e valorações sobre o mundo e a mim, inviabilizando o meu projeto de ser deus ou ser-para-si-em-si, já que partilha do mesmo projeto agora desejamos determinar como cada um deve aparecer diante do outro, quero definir como ele me vê, e é assim que o meu projeto de ser deus se revela diante do outro, como desejo de controlar a percepção que o outro tem de mim. E este outro me objetiva em seu olhar, apesar de eu ainda ser minhas possibilidades para o outro elas se desvelam enquanto fatos consumados.

Cox aprofunda essa percepção na seguinte afirmação “Experienciar a si mesmo como um objeto para o Outro é experienciar o outro como um sujeito. É esta experiência imediata e direta do si como um

objeto para a subjetividade do Outro que revela o Outro a ele como o Outro. ” (2007, p.67). Logo, se experiencio o Outro, o faço enquanto transcendência transcendente, uma transcendência tal qual a minha que é capaz de me transcender. O Outro também aparece como negação da minha liberdade, de me livre interpretar, já que me toma como possibilidade consumada, sou para ele aquilo que diante dele me apresento, exercendo assim sua negatividade sobre mim.

2.2. Condições Ontológicas da Má-fé

A Má-fé é a tentativa do para-si de aliviar ou evitar a angústia, através da inversão ou separação da transcendência e da facticidade do para-si. É um movimento de negação da liberdade com o intuito de se desresponsabilizar.

2.2.1. Angústia

Se o ponto de partida da existência para Sartre é a liberdade, então essa liberdade não se trata de uma liberdade social ou poética, e sim de uma condição ontológica da existência humana, e essa liberdade traz consigo suas agruras e um augúrio de instabilidade dada a condição de ter de se determinar e projetar-se constantemente e é nessa instabilidade, comum a humanidade, onde experienciamos a angústia, não é uma só uma solidão, não é só uma tristeza, é a dor da incerteza, é o tomar consciência de poder ser o que quisermos e saber que simplesmente escolher não irá bastar, e que não poderemos saber qual destas escolhas será a melhor, e que mesmo que façamos todas as escolhas “corretas” nunca iremos obter nosso desejo, nunca seremos um com nossa identidade de nós mesmos, Sartre nos define bem quando em *O Ser e o Nada* afirma “Somos angústia” (2015, p.89). Essa mesma angústia é a que nos leva a exercer a má-fé, para nos convencer de que não seremos nós os responsáveis pelas nossas penúrias e mágoas e sim o Outro, o alheio, o destino, o para-si assim nega sua própria liberdade, e é somente por poder negar a sua liberdade é que realmente é livre. Livre para negar sua liberdade, porém nunca para eliminá-la, enquanto ser livre nada é vedado ao ser humano, aquilo que o limita é somente sua facticidade e a contingência do mundo, porém se não é livre para escolher a totalidade da sua facticidade e para determinar a contingência do mundo, é livre, porém para decidir o que fazer a partir da sua facticidade, e livre para decidir como agirá dada a contingência do mundo.

2.2.2. Transcendência e Facticidade

Todas as condutas de má-fé, apesar de suas variadas manifestações, carregam em seu âmago invariavelmente a tentativa de inversão ou de separação da facticidade e da transcendência. É importante especificar que essa transcendência da qual Sartre fala é transcendência da facticidade do para-si e não a transcendência clássica do ramo da metafísica, essa inversão ou separação se apresenta numa vasta gama de exemplos, porém num esforço propedêutico exemplifiquemos de que maneira ela se articula ontologicamente.

Quando uma pessoa nega a transcendência de sua facticidade, trata a si próprio como um em-si, ou quando a pessoa deseja negar a facticidade de seu passado se afirmando apenas como transcendência pura de sua facticidade, em os ambos exemplos são condutas de má-fé. Para melhor caracterizar esses conceitos diremos que transcendência é transcendência da facticidade do para-si, e que facticidade por sua vez é “...aquilo que configura a identidade de sentido entre o fato morte e o fato nascimento, que vêm ao homem de fora e o transforma em algo de fora” (CASTRO, 2005, p.26). É a situação concreta do para-si, é resistência e adversidade que o mundo apresenta ao para-si e que ele através de escolhas livres tenta superar. O para-si existe enquanto uma transcendência (porém não pura transcendência) de sua facticidade, nesta transcendência o para-si é um voo temporal partindo da facticidade do seu passado em direção ao seu futuro, nunca coincidindo consigo mesmo.

2.3 O Conceito de Má-fé

A má-fé muitas vezes é representada de forma simplista e errônea como "mentir para si mesmo", apesar dessa representação apontar para um norte de entendimento do conceito, ele é falho e induz a má-compreensão da ideia original de Sartre sobre a má-fé.

Mentir para si mesmo implica que é possível existir numa relação de dualidade enganador-enganado consigo mesmo, se observarmos a "mentira" desse mentir para si mesmo veremos que a relação de enganador-enganado só é possível a duas consciências separadas uma da outra desempenhando os papéis supracitados. Um está ciente de que engana, o outro é enganado, pois não sabe que o primeiro o engana. Se essa relação se dá numa mesma consciência não é possível que se saiba que engana a si mesmo e ao mesmo tempo não esteja ciente de ser enganado, afinal é impossível saber e não-saber algo concomitantemente, justamente pelo fato de que no esforço de me fazer não saber algo eu tenho que determinar precisamente aquilo do qual quero me tornar ignorante. Se quero, por exemplo, não pensar ou não me lembrar de certa pessoa, eu tenho que conhecer e caracterizar completamente quem é ela e no ato de caracterizá-la me impeço de esquecê-la ou não pensar nela, no esclarecimento de Sartre "Com efeito, se tento deliberada e cinicamente mentir a mim mesmo, fracasso completamente: a mentira retrocede e desmorona ante ao olhar; fica arruinada, por trás, pela própria consciência de mentir-me, que se constitui implacavelmente mais alguém de meu projeto como sendo sua condição mesma".(2015, p.95).

Mas o que é então a má-fé? O para-si ao perceber-se irrestritamente livre e incapaz de deixar de sê-lo, livre para definir-se, porém sem ter a capacidade de julgar qual de seus possíveis é o melhor a se escolher, se angustia, e para escapar dessa angústia adota a conduta de má-fé, que se manifesta como uma negação interna do para-si, uma negação da responsabilidade da liberdade, e ao fazê-lo nadifica-setal qual um em-si.

2.4 A "Fé" da Má-fé

"Mas, se denominamos crença a adesão do ser ao seu objeto, quando este não está dado ou é dado indistintamente, então a má-fé é crença, e o problema essencial da má-fé um problema de crença" (SARTRE, 2015, p.115). Percebemos então que o projeto de má-fé não começa com um desejo de se enganar, e sim com a crença de que não está enganado, para o projeto de má-fé ter sucesso é necessário que o próprio projeto seja de má-fé, pois se acreditar é aderir a uma explicação ou descrição de um objeto sem necessidade de evidência, aquele que se projeta de má-fé não se percebe em má-fé justamente pelo exercício ser um exercício de fé.

3. AS CONDUTAS DA MÁ-FÉ NOS EXEMPLOS DE "O SER E O NADA"

3.1 O Garçon

O Garçon é talvez o exemplo de conduta de má-fé mais conhecido e referenciado da obra de Sartre. O autor nos apresenta o exemplo da seguinte forma:

Vejamos esse garçon. Tem gestos vivos e marcados, um tanto precisos demais, um pouco rápidos demais, e se inclina com presteza algo excessiva. Sua voz e seus olhos exprimem interesse talvez demasiado solícito pelo pedido do freguês. Afinal volta-se, tentando imitar o rigor inflexível de sabe-se lá que autômato, segurando a bandeja com uma espécie de temeridade de funâmbulo, mantendo-a em equilíbrio perpetuamente instável, perpetuamente interrompido, perpetuamente restabelecido por ligeiro movimento do braço e da mão. Toda sua conduta parece uma brincadeira. Empenha-se em encadear seus movimentos como mecanismos regidos uns pelos outros. Sua mímica e voz parecem mecanismos, e ele assume a presteza e rapidez inexorável das coisas. (SARTRE, 2015, p.105-106)

Sartre menciona essa aparência de brincadeira da função do garçom, e esse é o fio condutor do entendimento dessa conduta, brinca tal qual uma criança que brinca para conhecer-se e se realizar, brinca para tentar realizar sua função enquanto identidade existencial, deseja ser garçom e não somente desempenhar a função de garçom. A dinâmica do trabalho moderno exige que haja uma cortesia daquele que realiza uma função de que se circunscreva somente a ela. No entanto, apesar desse desejo e da presteza exacerbada, o garçom não consegue ser garçom enquanto ser-em-si, sua condição não passa de uma “representação” para si e para os outros, só posso ser garçom enquanto “representação” de garçom. Há toda uma questão existencial que nos é disposta diariamente e da qual não nos damos conta das implicações, que é a do gesto de sinceridade de ser o que se é, e com ser garçom existe uma série de condutas a serem levadas em conta como direitos trabalhistas, gorjetas e etc.

Ser o que se é implicaria em um ser que coincide consigo mesmo, no entanto, não é essa a realidade do para-si, ser que necessariamente está sempre se fazendo e se é necessário se fazer garçom para ser garçom. Já não é possível ser um garçom como coisa-em-si, afinal a temporalidade da coisa-em-si não coincide com a do para-si, a coisa-em-si não possui temporalidade, ela simplesmente é, foi, e sempre será, o garçom, é algo antes de garçom, não é garçom durante todo tempo, e não será garçom para sempre. Age sob a motivação do “ser o que se é”, desconhecendo ou ignorando a incapacidade de sê-lo, logo o que se pode ser efetivamente segundo a norma ou expectativa ético/moral se “ser o que se é” é somente ser aquele que brinca de ser garçom, pois é somente isso que se encontra ao alcance do para-si. A nível ontológico o autor Gary Cox nos oferece um entendimento mais profundo dessa conduta:

“Seu objetivo é ser um garçom da mesma maneira que uma mesa é uma mesa. Seu objetivo é negar sua transcendência e o fato de ser aquilo que é, sem ser capaz de sê-lo através de tentativas, de se perceber como o ser-em-si de um garçom. Ele exagera em seu papel de garçom para se convencer de que é uma coisa-garçom”(2007, p.132).

Mencionei anteriormente que o garçom “representa” para si mesmo e para os outros, ele faz isso principalmente para se convencer de ser essa coisa-garçom, mas o faz para sê-lo aos olhos dos outros, o olhar do outro o constitui em coisa-garçom, e se afinal para o Outro somos uma transcendência-transcendida, o garçom luta para ser uma transcendência-transcendida para si mesmo, isto é, ser sua própria facticidade, quer ser um com sua própria representação de si mesmo, mas justamente por representar para si mesmo aquilo que é, é que não pode ser aquilo que é. O garçom talvez seja icônico para a obra de Sartre pelo fato de simultaneamente exemplificar uma conduta de má-fé aonde enxergamos com clareza o fato de que apesar das ações e realizações de uma pessoa determinarem sua facticidade, ela tem sido somente até onde transcende perpetuamente sua facticidade, porém esse se fazer não se completa jamais é um eterno processo de formação. Também percebemos nessa conduta uma das expressões mais marcantes de Sartre de que ser-para-si é ser aquilo que não é e não ser aquilo que é. Sartre conclui “Se sou garçom - escrevíamos -, isso só pode ocorrer sob o modo de não sê-lo” (2015, p.132).

3.2. O Homossexual e O Campeão da Sinceridade

Comentei previamente sobre a questão do “ser o que se é”, podemos entender isso também como um comportamento conhecido como sinceridade, aquele que se diz sincero acredita “ser aquilo que se é”. Todavia já sabemos que o para-si, diferentemente do ser-em-si, nunca coincide consigo mesmo, no sentido de ‘sou o meu passado a maneira de não mais sê-lo e de ser o meu futuro a modo de já sê-lo’, afinal, é uma conduta que eu mantenho que irá me levar até onde eu projeto. Se meu projeto é ser professor, há uma demanda de uma formação acadêmica prévia para que eu me realize enquanto tal, e sou o meu passado a maneira de não mais sê-lo, pois aquele que se apresenta hoje é decorrente das escolhas que fiz e de como me projetei, não necessariamente sou o que projetei, porém sou ainda decorrente das escolhas que fiz, somente posso ser o homem de hoje, pois não sou mais o homem de ontem.

Ontologicamente falando, se afirmar sincero é tentar negar a transcendência do para-si. O exemplo de Sartre que ilustra a conduta de má-fé associada a essas estruturas do para-si é a do homossexual e do campeão da sinceridade. Sartre os caracteriza da seguinte forma: o homossexual é aquele que está em má-fé pois, se vendo na impossibilidade de negar a facticidade de seus desejos homossexuais, escolhe caracterizá-los como comportamento aberrante toda vez que se relaciona com um parceiro do mesmo sexo. Assim caracteriza esse comportamento como algo que não necessariamente implica uma homossexualidade. Ele admite todos os fatos que caracterizam sua homossexualidade, no entanto, se recusa a retirar desses fatos a conclusão lógica de sua real orientação sexual. Sartre demonstra como é possível para o homossexual sustentar essa duplicidade:

“Assim, joga com a palavra ser. Teria razão realmente se entendesse a frase "não sou pederasta" no sentido de que "não sou o que sou", ou seja, se declarasse: "Na medida em que uma série de condutas se define como condutas de pederasta e que assumi tais condutas, sou pederasta.

Na medida em que a realidade humana escapa a toda definição por condutas, não sou." Mas o homossexual se desvia dissimuladamente para outra acepção da palavra "ser": entende "não ser" no sentido de "não ser em si". Declara "não sou pederasta" no sentido em que esta mesa não é um tinteiro. Está de má-fé”(2015,p.111).

Em termos de transcendência temporal e facticidade, ele tenta negar sua facticidade se acreditando ser perpétua transcendência recriadora de si. E a partir daqui temos sua contraparte, o campeão da sinceridade, um conhecido do homossexual que insiste que ele deve se afirmar enquanto homossexual, exercendo assim uma sinceridade, mas demonstramos anteriormente que isso revela enquanto uma impossibilidade na ontologia fenomenológica sartriana pois, quando ele encoraja o homossexual a se admitir enquanto homossexual, ele o encoraja a se caracterizar como ser-em-si. Assim, acredita poder constituir a transcendência do homossexual como facticidade com objetivo de escapar de suas próprias ansiedades, acreditar poder ser o que se é, é querer acreditar poder escapar a responsabilidade de se livre escolher, Sartre então conclui: “O campeão da sinceridade, na medida em que almeja se tranquilizar, quando pretende julgar, e exige que uma liberdade, enquanto liberdade, se constitua como coisa, está de má-fé.” (2015, p.112).

3.3. O Flerte

Sartre nos apresenta uma situação em *O Ser e o Nada* em que uma mulher vai ao seu primeiro encontro com um homem, sabendo de antemão de suas intenções para com ela, e também sabendo que cedo ou tarde terá de tomar uma decisão a respeito das intenções dele.

Evita pensar nessas questões com urgência e no decorrer do encontro ele segura uma de suas mãos, ela que despe sua personalidade a ele e se demonstra enquanto uma consciência, um indivíduo a ele, se recusa a enxergar esse ato como algo a mais do que se vê. O gesto do homem é claramente um avanço que tem como propósito o enlace carnal, todavia ela prefere se convencer de que nada significa além da ternura expressada para afigurar um apreço por sua pessoa. Ela também sabe que deixar a mão repousada lá é dar o consentimento a este avanço e que retirá-la seria encerrar essa possibilidade. Ela se recusa escolher e se dissocia de sua mão, sabendo que é ela mesma seu corpo e tendo pleno controle dele, ainda assim opta por não lhe prestar a atenção, age como se houvesse esquecido de sua mão, e evita assim ter de escolher, prefere acreditar no amor romântico e ignorar as intenções sexuais que naquele gesto se esgueiram.

A nível ontológico, observamos que o que ocorre é que ela toma sua facticidade por transcendência, enquanto que simultaneamente, trata sua consciência transcendente como se fosse sua própria transcendência ao invés de uma transcendência da facticidade de sua situação, porém isso não se sustenta já que é necessário que a transcendência seja transcendência de alguma coisa além de si mesma.

4. OS INSTRUMENTOS QUE BASEIAM A MÁ-FÉ

Feita a análise das condutas de má-fé percebemos que a má-fé se dá ontologicamente a partir do para-si do movimento que ele faz na tentativa de intercâmbio do entendimento de transcendência e facticidade, ou seja, entende sua facticidade por transcendência e sua transcendência por facticidade, porém, Sartre já havia deixado isso claro em *O Ser e o Nada* na seguinte passagem:

O conceito de base assim engendrado utiliza a dupla propriedade do ser humano de ser facticidade e transcendência. Na verdade, dois aspectos da realidade humana que são e devem ser muito bem coordenados. Mas a má-fé não pretende coordená-los ou superá-los em uma síntese. Para ela, trata-se de afirmar a identidade de ambos, conservando suas diferenças. É preciso afirmar a facticidade como sendo transcendência e a transcendência como sendo facticidade, de modo que se possa, no momento que captamos uma, deparar bruscamente com a outra (2015, p.102).

Sabemos que este conceito não é o único dos instrumentos utilizados para embasar a má-fé, outra duplicidade de realidade, a do Ser-para-si e Ser-para-o-outro. Afinal, independente de qual conduta eu assumo em relação a mim mesmo duas perspectivas irão sempre convergir, a minha perspectiva e a do outro, não é como se eu detivesse a verdade sobre meu ser apenas por partir da minha perspectiva para me valorar, nem somente a do outro, mas a valoração é construída nesse encontro de perspectivas, posso pensar de mim quaisquer coisa, mas não irá totalizar a realidade sobre meu ser, é necessário a identidade que o outro me confere, e após isso aquilo que eu faço com que fazem de mim. Seria inocente pensar que sou o que os outros valoram sobre mim, essa valoração sempre será situada na perspectiva do outro, num contexto temporal diminuto (seria impossível me acompanhar por toda uma vida durante todos os momentos), e seria igualmente inocente achar que o olhar sobre mim mesmo seria mais objetivo, quando sabemos que por várias vezes irei me encontrar em uma conduta má-fé.

Outro instrumento de embasamento da má-fé é o ser-no-meio-do-mundo, explicitado melhor no exemplo de "O Flerte" pela conduta de má-fé da jovem. Esse ser-no-meio-do-mundo é nossa presença inerte como objeto passivo entre outros objetos, um modo de se desfazer das cargas das funções de ser-no-mundo. Segundo Sartre, "Isto é, ser que faz com que haja um mundo ao se projetar para além do mundo, rumo às próprias possibilidades." (2015, p.104)

E por último, os ek-stases temporais e as sínteses embaraçadoras que jogam com a ambiguidade dos três ek-stases ao afirmar simultaneamente que sou o que fui e que não sou o que fui. Esses conceitos são apenas exercícios de tentar se vincular deliberadamente a um período de sua vida negando-se considerar mudanças posteriores, ou respectivamente, afirmar o não vínculo com o seu passado por motivos de recriminações ou rancores, insiste na sua liberdade e na sua capacidade de recriação perpétua.

Porém, todos esses conceitos segundo Sartre "Só tem papel transitivo nos raciocínios e são eliminados da conclusão ... deparamos sempre com a mesma estrutura: trata-se de constituir a realidade humana como ser que é o que não é e não é o que é." (2015, p.104-105)

Todos esses conceitos são instrumentos que embasam a má-fé, mas se podemos concluir algo sobre a má-fé e o que reside no coração da conduta é justamente esse embate com o conceito de identidade: o para-si se questiona se é ou não o seu passado, ele é ou não os seus possíveis, é possível para o para-si ser algo que não sua liberdade? Sartre conclui que o para-si tem sua própria forma de ser que para poder experienciar de uma forma mais completa esse para-si deve reconhecer que sempre irá se projetar como um ser-para-si-em-si, e que jamais irá obter esse estado de existência, mas que o conhecimento desse fato não deve desestimulá-lo. E se este para-si experienciar seu próprio modo de ser enquanto uma negação do ser todavia sem necessidade de se ver angustiado, e ainda evitando as condutas de má-fé, poderá ele então rumar para uma existência mais autêntica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARANOWSKA, Durval. A autenticidade na ética de Jean-Paul Sartre. 2012. 95 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2012.

BEAUFRET, Jean. Introdução as filosofias da existência: de Kierkegaard a Heidegger. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

BORNHEIM, Gerd. Sartre: metafísica e existencialismo. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CASTRO, Fábio Caprio de Leite de. Consequências morais do conceito de má-fé em Jean-Paul Sartre. 2005. 243 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio do Grande do Sul, Porto Alegre. 2005.

COX, Gary. Compreender Sartre. Trad. Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.

FÁVERO, André Luiz. Subjetividade e má-fé na ontologia fenomenológica de Sartre. 2011. 184 f. Dissertação, (Mestrado em Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PÓVOAS, Jorge Freire. A má-fé na analítica existencial Sartriana. 2005. 117 f. Dissertação, (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. O Existencialismo é um Humanismo. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.